

## **O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto**

*Does capitalism know the cost of life? – Reflections on capitalism and the immigrant subject in the book *A hora da estrela* by Clarice Lispector and in the poem *Morte e Vida Severina* by João Cabral de Melo Neto*  
*¿Conoce el capitalismo el coste de la vida? – Reflexiones sobre el capitalismo y el sujeto inmigrante en el libro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, y en el poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto*

*Le capitalisme connaît-il le coût de la vie? – Quelques réflexions sur le Capitalisme et le sujet immigrant dans le livre *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, et dans le poème *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto*

DANIELLE LIMA TAULOIS

*Dedico-me à saudade de minha antiga  
pobreza, quando tudo era mais sóbrio e  
digno e eu nunca havia comido lagosta.*

Clarice Lispector, em *A hora da estrela*.

Neste trabalho, pretende-se avançar em uma conexão da psicanálise com a literatura, que se aproximam por trabalharem com a mesma matéria-prima: a palavra. A psicanálise estabelece um diálogo profícuo com muitos ramos culturais desde o século XX até os dias atuais, como a literatura, o teatro e o cinema, por exemplo. Todavia, busca-se ressaltar o diálogo com a literatura, tendo em vista a surpresa de Freud ao perceber que

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

suas experiências clínicas também pudessem ser encontradas nos romances, como observado na obra *Gradiva, uma fantasia pompeiana*, de Wilhelm Jensen (1903). No artigo “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen”, Freud rende uma linda homenagem aos escritores:

[...] os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, 1906/1976, p. 18).

Seguindo os passos de Freud, recorreremos à literatura para tentar iluminar a discussão do presente trabalho. Discutiremos a ética da psicanálise como uma ética que se opõe ao capitalismo, uma vez que não se pauta na felicidade, utilidade ou na obediência ao imperativo categórico.

Partimos do poema “*Morte e Vida Severina*”, de João Cabral de Melo Neto (1955), e o livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (1977). As obras se transmutam em um retrato exemplar de como a literatura pode testemunhar os muitos Severinos e Macabéas, atropelados pelos efeitos predatórios do discurso capitalista, que parece comportar a fantasia de um todo sem quebra. Situamos Severino e Macabéa do lado da psicanálise, uma vez que parecem provocar uma ferida na aparência gloriosa da modernidade, um buraco no utilitarismo, uma fratura no serviço dos bens, pois a ética da psicanálise é a do desejo, um discurso constituído a partir da falha, do não-saber, da ausência de garantias.

Uma análise pode testemunhar o exílio que cada analisando experimenta como condição do advento da sua fala, do seu deslocamento, da sua caminhada. Contudo, salientamos que pode existir uma diferença nos casos de pessoas que passam por deslocamentos migratórios forçados. É imprescindível que o analista esteja atento ao movimento simbólico da sua época, ao mesmo tempo em que temos que ter o cuidado de não cair no lugar de responder a tudo, de resolver o problema do capitalismo, ou outras questões inerentes de nossa época. É preciso salientar, afirmam Branco e Sobral (2023, p. 118):

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

[...] o saber do analista apresenta-se como um saber em fracasso (que definitivamente não significa o fracasso do saber). Trata-se de um saber que não exerce domínio sobre o outro; pela transferência, ou seja, pelo amor, ele provoca no outro o desejo de saber (BRANCO; SOBRAL, 2023, p. 118).

Dessa forma, apontamos a ética da psicanálise como ponto fundamental. “*Morte e Vida Severina*” retrata a trajetória de Severino, que deixa seu lugar de origem, o sertão pernambucano, em busca de melhores condições de vida na capital de Recife. Em sua travessia, Severino vai testemunhar muitas mortes pela fome, além do enterro de um homem assassinado encomendado por latifundiários. O discurso capitalista parece se inscrever do lado da morte, do apagamento do sujeito. Durante sua travessia, Severino se dá conta de que a modernidade trouxe a morte para sua terra, e é justamente ela a maior empregadora do Sertão. O que resta a Severino? O seu nome próprio. Jorge (2010) aponta que o nome próprio é a primeira coisa que o sujeito recebe do Outro. O retirante explica ao leitor quem ele é e a que vai...

O meu nome é Severino,  
não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias.  
Mas isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
e que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.  
Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejam: é o Severino da Maria do Zacarias,  
lá da serra da Costela,  
limites da Paraíba.  
Mas isso ainda diz pouco:  
se ao menos mais cinco havia

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

com nome de Severino  
filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos,  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte Severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.  
(MELO NETO, 1955/1956, p. 171).

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

O livro *A hora da estrela* também trata de uma emigrante nordestina que deixa o sertão de Alagoas. Agora deixemos que o personagem Rodrigo S. A., que é o narrador, se apresente e apresente Macabéa:

[...] e é claro que a história é verdadeira embora inventada - que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro - existe a quem falte o delicado essencial. [...] Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. [...] Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. [...] Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. [...] (Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. [...]) Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão [...]. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, [...]. [...] Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro (LISPECTOR, 1977/1998, p. 12-38).

Severino e Macabéa são retirantes. Esse é o termo que se usa quando a pessoa abandona a sua terra de origem por causa da seca e da miséria em busca de uma localidade que lhe dê melhores condições de vida. Tanto Lispector quanto Cabral nos oferecem um testemunho de que o capitalismo, ao rejeitar a falta fundamental, se torna um facilitador de processos que emergem na atualidade, sendo um deles a segregação. A linguagem segrega, pois nenhuma ordenação simbólica se dá sem deixar um resto de fora. O que apresentaremos não é a segregação estrutural, mas o efeito de segregação social em relação ao discurso do capitalismo com sua lógica de mercado e do progresso científico. Para nossa discussão, proponho pensarmos no migrante nordestino, uma vez que, devido a situações sociopolíticas ou econômicas insustentáveis, foram obrigados a se dirigirem para os grandes centros urbanos. Clarice Lispector, que tem sua história marcada também como migrante, escreve com rara acuidade o exílio, a miséria da protagonista, numa precariedade que evita sua integração na sociedade: “Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1977/1998, p. 30).

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

No livro *Psicanálise e capitalismo*, Clara de Góes (2008) sublinha que é diante de um profundo desamparo que a modernidade é construída como promessa de felicidade. No ensaio *O mal-estar na cultura*, Freud (1930) afirma: “[...] poderíamos dizer que a intenção de que o ser humano seja ‘feliz’ não está no plano da ‘Criação’”. Assim, Freud alerta que a felicidade só é possível enquanto fenômeno episódico. O capitalismo promete um gozo sem limite. Góes (2008, p. 39) afirma: “O capitalismo, com seu modo de produção baseado na produção de um excesso- excesso que deve ser gasto no mais curto intervalo de tempo possível, para que maiores quantidades desse excesso sejam produzidas e consumidas”.

As duas obras, em todas as suas tessituras, apontam para um despertar do leitor tendo em vista as questões sociais e para o fato de que somos sujeitos da falta e estamos inseridos em uma sociedade capitalista. Outro personagem que protagoniza o poema de João Cabral e a novela de Clarice é a morte, seja diretamente no título (“Morte e Vida Severina”) ou nas entrelinhas (*A hora da estrela*, que pode ser lida como *A hora da morte*).

Os autores problematizam que o *sujeito produtivo* foi a grande obra da sociedade industrial. A viagem do retirante em “Morte e Vida Severina” se dá entre a temporalidade da travessia da caatinga para o tempo modernizado da capital Recife. De uma região a outra, caminha Severino, perdendo, a cada estação, as ilusões de superação de sua condição de miséria, que nutria no início da empreitada. Severino e Macabéa se direcionam ao encontro da esperança, do prazer e da felicidade, o conforto mínimo que a modernidade pode dar. Todavia, o que ambos encontram é a morte. É ela quem emprega.

Severino, em seu percurso, ainda no agreste, encontra uma rezadeira postada na janela e a ela vai pedir emprego. Diante da solicitação de Severino, a rezadeira insiste na pergunta: “o que fazia o compadre na sua terra de lá? É preciso saber lucrar com a morte alheia” (“a morte é farta, vivo de morte ajudar”, diz a mulher), encomendando-a, embelezando-a pela reza. A rezadeira não é uma religiosa, mas, sim, uma comerciante da palavra. Ela sabe muito bem que não há trabalho, pois o banco não quer financiar roçados e a usina avançou sobre os engenhos. É da morte que resultam os empregos do médico ao coveiro, da rezadeira ao farmacêutico. A modernização rouba de Severino sua capacidade produtiva. O que resta? O roçado que se tem para cultivar é o roçado da morte.

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

Nesse sentido, Severino é o despossuído de saber, pois trabalhava com a vida, semeando, plantando. A exploração capitalista frustra o saber do proletário, tornando Severino inútil.

Macabéa, diferentemente de Severino, consegue se inserir no mercado de trabalho, é uma datilógrafa, faz das letras, ainda que de forma precária, seu meio de receber um salário. As máquinas de escrever foram substituídas por computadores; onde trabalharia Macabéa hoje? As companheiras de quarto de Macabéa trabalhavam como balconistas das Lojas Americanas. Poderíamos dizer que, se fosse hoje, estariam trabalhando em farmácias? Ora, há bairros na cidade do Rio de Janeiro nos quais existem cerca de duas livrarias e um sebo, enquanto farmácias há mais de vinte. O que aponta esse crescimento desenfreado de farmácias espalhadas por toda a cidade? O século XXI parece prometer um remédio para cada dor.

A ética da psicanálise é uma ética que se diferencia e se opõe ao capitalismo. A psicanálise é um discurso advertido quanto à impossibilidade de responder a uma demanda que se apresenta ao analista, como evocação de uma promessa imaginária de findar o sofrimento. A ética da psicanálise não se pauta pelo Bem que ratifique a ação, ao contrário, ela se constitui com distância estrutural em relação ao desejo. Dito de outro modo, que opera com o desejar. A ação que fundamenta a ética da psicanálise é uma escuta que implica o sujeito na produção de seu sofrimento (GÓES, 2008). Lacan (1959-60), no seminário 7, sobre a ética da psicanálise, afirma que a análise forneceu uma mudança de perspectiva muito importante sobre o amor, colocando-o no centro da experiência ética.

Macabéa procura Madama Carlota para saber do seu futuro. No passado, a cartomante havia sido prostituta, mas, com o tempo, já não valia muito no mercado, de modo que se tornou cafetina. Macabéa sai com a esperança de encontrar o amor. As cartas disseram que ela encontraria um estrangeiro que se chamaria Hans, era um gringo rico que lhe daria muito amor e luxo. “Macabéa ficou um pouco aturdida, sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras”. (LISPECTOR, 1998, p. 79). Ao dar o passo para atravessar o carro, um Mercedes amarelo atingiu-a, o carro era de alto luxo. Teria sido Macabéa atropelada e morta pelo capital?

Chegando em Recife, Severino se desespera e pensa em suicídio. Encontra o mestre Carpina e com ele tem uma conversa sobre “pular para fora da vida”. Severino quer saber se o rio tem fundura suficiente para afogar-se:

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

— Severino, retirante  
pois não sei o que lhe conte;  
sempre que cruço este rio  
costumo tomar a ponte;  
quanto ao vazio do estômago,  
se cruza quando se come.

— Seu José, mestre carpina,  
e quando ponte não há?  
quando os vazios da fome  
não se tem com que cruzar?  
quando esses rios sem água  
são grandes braços de mar?

— Severino, retirante,  
o meu amigo é bem moço;  
sei que a miséria é mar largo,  
não é como qualquer poço:  
mas sei que para cruzá-la  
vale bem qualquer esforço.

— Seu José, mestre carpina,  
e quando é fundo o perau?  
quando a força que morreu  
nem tem onde se enterrar,  
por que ao puxão das águas  
não é melhor se entregar?

— Severino, retirante,  
o mar de nossa conversa  
precisa ser combatido,  
sempre, de qualquer maneira,  
porque senão ele alarga  
e devasta a terra inteira.

[...]

— Severino, retirante,  
sou de Nazaré da Mata,  
mas tanto lá como aqui  
jamais me fiaram nada:  
a vida de cada dia  
cada dia hei de comprá-la.

— Seu José, mestre carpina,  
e que interesse, me diga,  
há nessa vida a retalho  
que é cada dia adquirida?  
espera poder um dia  
comprá-la em grandes partidas?

— Severino, retirante,

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

não sei bem o que lhe diga:  
não é que espere comprar  
em grosso de tais partidas,  
mas o que compro a retalho  
é, de qualquer forma, vida.  
— Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?  
(MELO NETO, 1955/1956, pp. 208-209).

Nesse momento, em que Severino pensa em pular para fora da vida, o filho do mestre Carpina acaba de nascer, diz a mulher: “saltou para dentro da vida ao dar o primeiro grito”. Lacan (1959-1960/1988) afirma que a pulsão de destruição põe em causa tudo que existe: “Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar” (p. 260). Ele mostra um ponto de criação *ex nihilo*: “No começo era o Verbo, o que quer dizer, o significante. Sem o significante no começo é impossível articular a pulsão como histórica. E isso basta para introduzir a dimensão do *ex nihilo* na estrutura do campo analítico” (LACAN, 1998, p. 261). Jorge (2008) acrescenta uma pergunta instigante: “Se no início está o verbo, e o verbo é amor, não é necessariamente o amor que vem no momento da morte para dar a sua palavra final? [...] o amor é, sobretudo, aquilo que vem em suplência à inexistência” (pp. 249-248).

Severino supõe um saber no mestre Carpina, espera dele uma resposta sobre o pular para fora da vida. O mestre Carpina parece se aproximar do psicanalista na medida em que sua resposta não promete a felicidade, é um discurso constituído a partir do não saber, da aposta no desejar, do amor e, principalmente, na ausência de garantias, Outro homem que esteve de fora assistindo a tudo se aproxima do retirante e diz:

— Severino, retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia, ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.  
E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida Severina  
(MELO NETO, 1955/1956, p. 221).

O analista testemunha o sujeito no movimento, na errância do seu caminhar, testemunha o exílio necessário que cada analisando experimenta como condição do advento da sua fala. A literatura e a psicanálise estão do lado do inacabamento, sempre em vias de fazer-se, um passo da experiência para a palavra, uma passagem de vida, um retirante que caminha sozinho ou um sujeito retirante que no sozinho caminha, mais ainda, que encaminha a palavra. Afinal, tudo é passagem, migração, travessia.

## Referências

- BRANCO, L. C.; SOBRAL, A. **O que é psicanálise literária?** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2023.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na cultura. In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GÓES, C. **Psicanálise e Capitalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

JORGE, M. A. C. O amor é o que vem em suplência à inexistência. In: ALBERTI, S. (Org.). **A sexualidade na Aurora do século XXI**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud/CAPES, 2008.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v. 2: A clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. (1959-60). Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LISPECTOR, C. (1977). **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MELO NETO, J. C. (1955). *Morte e Vida Severina*. In: **Dois águas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

---

#### DANIELLE LIMA TAULOIS

Psicanalista e escritora.

Mestre pelo programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Pós-graduada em Teoria psicanalítica e prática clínico-institucional na Universidade Veiga de Almeida – UVA.

Graduada em Psicologia.

Autora do livro “Meus nadinhas” publicado em 2019 com o pseudônimo de Haia Li.

Faz formação permanente no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

danielletaulois@gmail.com

Orcid: 0000-0001-6819-1745

---

#### Citação:

TAULOIS, Danielle Lima. O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito migrante no livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e no poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 27.12.2022 / Aceito: 01.09.2024

COPYRIGHT

O capitalismo sabe o custo da vida? – Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro A hora da estrela, de Clarice Lispector, e no poema Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

